

O Salto

VASCO MC MARTINS

O JORNAL DOS TRABALHADORES PORTUGUESES EMIGRADOS

LE JOURNAL DES TRAVAILLEURS PORTUGAIS IMMIGRÉS • B. P. 95 - PARIS 11 • C. C. P. «O SALTO» 56 2685 PARIS • MENSAL - 0,8 DM; 0,8 FL; 10 FB; 1F

Nasceu « O Salto »

Após aparecer um novo jornal as perguntas que muita gente faz são:

-Porquê um novo jornal? - Quem o faz? - Quem o paga? - Quanto custa?

Nós, neste primeiro número vamos tentar responder a estas perguntas.

Porquê um novo jornal?

Muitas pessoas ao fazerem esta pergunta estarão pensando que já existem vários jornais em língua portuguesa que nos são vendidos. Mas o que não existe é nenhum jornal saindo regularmente que seja nosso e feito por nós. O "Correio Português", por exemplo, é o jornal do Banque Franco-Portugaise d'Outre-Mer da rua do Helder, tendo a Associação Nacional dos Portugueses em França como cobertura. É o jornal daqueles que enriquecem à nossa custa, daqueles que em Portugal enriqueciam à custa do suor do nosso trabalho. Daqueles a quem nos endividámos e que, como não lhes podíamos pagar ficaram com as nossas terras. Daqueles que por todo um dia de trabalho nos chegavam a pagar 40 escudos e menos ainda. Daqueles para quem a emigração é um bom negócio. O "Correio Português" não é nosso, é dos riquíssimos capitalistas portugueses verdadeiros donos do Banco Franco-Portugaise d'Outre-Mer que de francês só tem o nome.

O seu único interesse é que a miséria continue a existir em Portugal para nós sermos obrigados a emigrar e eles assim continuarem a encher a pança.

Por tudo isto, nós temos necessidade de um jornal que nos diga porque fomos obrigados a abandonar a nossa terra.

Mas nós aqui vivemos isolados, primeiro uns dos outros, uns em Paris, outros em Brie, Houilles, Lyon, Toulouse, em lugares pequenos que nem nós conhecemos o nome. Em segundo lugar, estamos isolados dos trabalhadores franceses, não conhecemos bem o francês, não conhecemos bem quais são os nossos direitos, metem na cabeça dos trabalhadores franceses que nós viemos-lhes roubar o trabalho, etc. Pois bem, este jornal deve ser como o carpinteiro que constroi a armação que nos vai ligar a todos. Um jornal que além de nos trazer alegria lê-lo, a gente aprenda alguma coisa com a sua leitura. Um jornal que procure acabar com as barreiras que existem entre trabalhadores franceses e trabalhadores emigrados.

Quem o faz?

"O Salto" é o jornal dos trabalhadores portugueses emigrados. Ele tem que ser feito, portanto, por aqueles que o lêem. Todos devemos contribuir para ele, mandando as nossas críticas, dizendo o que se passa na nossa terra. Para já há um grupo de trabalhadores

uns do bâtiment, outros das fábricas que depois de 9 horas de trabalho diário se reúnem, discutem os artigos a sair, fazem-nos, procuram colaboradores, etc.

Cada um de nós tem muito para contar e o que é preciso é que se decida a fazê-lo, para que assim "O Salto" seja capaz de estabelecer a ligação entre nós todos de que acima falamos. Devemos em cada terra criar um grupo que se encarregue de mandar colaboração contando o que se passa nessa terra, de o vender, de organizar festas, de arranjar assinantes, etc.

Quem o paga?

"O Salto" não é patrocinado por nenhum Banco, nem pertence e nenhuma companhia. Se assim fosse, seria fácil fazê-lo sair todos os dias, mesmo gratuito. Mas nesse caso ele não era o que nos ia defender e portanto não servia para nada um tal jornal. Ele é feito com o patrocínio de 4 clubes de trabalhadores portugueses. Além

(Continua na pág. 2)

AOS ANTIGOS ASSINANTES DO «Jornal do Emigrante»

Pedimos aos antigos assinantes do "Jornal do Emigrante" que, pelos motivos indicados no artigo "Morreu o 'Jornal do Emigrante'", não receberem este número de "O Salto", que nos enviem a morada bem como o número do "Jornal do Emigrante" em que se tornaram assinantes. Os que assim fizerem passarão a receber "O Salto" até completarem a antiga assinatura sem que para isso paguem mais um cêntimo.

Os camaleões já não enganam o povo ou como a P.I.D.E. mudou de nome

Todos nós já vimos como um camaleão muda de cor, para assim disfarçado melhor enganar a sua vítima.

Esta tática utilizada pelos camaleões também é a que utilizam todos os inimigos do povo.

Quando por exemplo os srs. do Banco vêm a Champigny, com a sua carrinha pedirem-nos o nosso dinheiro, todos eles são simpatias e doçuras. Quando nós vamos ao Consulado, e no entanto os srs. do Banco e do Consulado são a mesma coisa, só ouvimos injúrias.

Foi por isso que, quando me pediram para escrever sobre a mudança do nome da PIDE para Direcção Geral de Segurança (D.G.S.), logo pensei na história do camaleão. É que lembrei-me que a Polícia Política em Portugal já ti-

REPORTAGEM

O CONSULADO, UMA MÁQUINA DE FAZER DINHEIRO

Na noite de 14 para 15 de Setembro, "O Salto" esteve no consulado de Portugal em Paris, no nº 10 da rua Edouard Fournier, no 16 éme.

A noite estava chuvosa. Quando lá chegámos à 1 hora da madrugada, já lá se encontravam 23 emigrados esperando que o consulado abrisse na manhã seguinte, às 9 horas...

O número de pessoas que desejam regularizar a situação aumenta de dia para dia, devido à nova lei de 25 de Julho deste ano

longo do passeio, encontrámos uns deitados no chão molhado, cobrindo-se com cartões que tinham ido buscar aos caixotes do lixo, outros de pé ou sentados, conversando sempre interrompidos pelo "chut" "tais-toi" ou "je t'ambarque" (cala-te ou levo-te) dos dois polícias franceses que os vigiavam e que eram substituídos de 2 em 2 horas. Dizia um dos nossos compatriotas, que pela maneira de falar, devia ser da Beira-Alta:

— "Eu cá só não compreendo por-



À porta do consulado — uma longa espera, que começou para alguns às 5 horas da tarde do dia anterior.

que permite aos que já tenham o seu serviço militar cumprido que tirem o passaporte de emigrante; por isso a bicha de espera cresce à porta do consulado ao mesmo tempo que lá dentro crescem os lucros do próprio consulado e do governo português.

Voltando aos emigrantes que naquela noite húmida procuravam acomodar-se o melhor possível ao

que é que somos obrigados a viver assim. Aqui está-se pior que nem cães!"

A que outro respondeu, indignado:

— "Por cães se tenham os que estão lá dentro".

De facto, o consulado estava iluminado e assim se manteve até de manhã. Houve mesmo quem dissesse:

— "Eles lá dentro devem estar a contar o dinheiro que nos cobram ontem!"

Mas, o que de facto acontece é que com medo que os emigrantes rebentem a porta, revoltados por serem tratados daquela maneira, o consulado pôs lá dentro alguns D. G.S. (Pides) que vigiam toda a noite...

Um Alentejano que estava extremamente irritado dizia, olhando para o pau da bandeira e sem se importar com as ameaças dos polícias:

— "Um homem defender a Pátria com o alojamento que aqui nos dão! Defendam-na eles que estão bem deitados lá dentro".

Durante toda a noite as pessoas foram chegando, a maioria de táxi, outras a pé, vindo de toda a parte. Um trabalhador que lá estava no meio dos primeiros, disse-nos:

— "Estou aqui desde as 8 horas, mas não pensem que sou o primeiro da bicha... sou o oitavo! O pri-

(Continua na pág. 6)

(Continua na pág. 2)

(Continuação da pág. 1)

disso, todos os que trabalham para "O Salto", trabalham gratuitamente. Não existem lucros, mas se existissem eles seriam aplicados a fazer sair o nosso jornal, não uma vez por mês, mas sim duas ou mais vezes. O dinheiro para o fazer virá, por um lado, das assinaturas e para isso é preciso que um número cada vez maior de emigrados compreendam ser este o seu jornal e o assinem.

Muitos trabalhadores emigrados, quando lhes vendíamos o "Jornal do Emigrante", diziam-nos que já assinavam outros ("Correio Português", "Portugal Popular", etc.). Mas o que precisam de ver é qual o jornal que é verdadeiramente deles e depois escolherem, mesmo que para isso tenham de deixar de ser assinantes do jornal de que já eram.

Além disso, para já há 4 clubes de trabalhadores dispostos a colaborar na saída de "O Salto", apoiando as festas organizadas pelo "O Salto" para angariar dinheiro. São eles: Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris, Clube dos Trabalhadores de Brie, Centro de Difusão da Cultura Portuguesa, Associação "Resistência e Trabalho" (da Holanda).

Resta um problema muito importante e para o qual todos temos de colaborar que é a distribuição do jornal para que ele seja conhecido por todos os trabalhadores portugueses emigrados. Este problema foi tratado pelo nosso assinante J.R., cuja carta reproduzimos no Correio do Leitor (pág. 4).

Cada leitor que puder vender um ou mais jornais, mande-nos pedir. Assim ele será a cadeia de ligação entre todos nós.

Quanto custa?

Para já custa 1 franco e repetimos, se ele fosse pago por um Banco ou por uma Companhia podia até ser de borla. Mas nesse caso não era a nós que ele ia defender e portanto não servia para nada. Por outro lado não queremos publicidade no nosso jornal e é dela que vêm os lucros para os jornais comerciais. Mas deveríamos nós fazer publicidade das companhias que exploram e enriquecem à nossa custa? Não, é a resposta de todos nós.

Se ao fim do mês vírmos que o preço de 1 franco é muito, que ele paga o jornal e ainda há lucro, baixaremos o preço.

Acabando, pedimos que toda a gente escreva a dizer o que pensa destes problemas.

A Redacção de "O Salto"

REPORTAGEM: O CONSULADO, UMA MÁQUINA DE FAZER DINHEIRO

(Continuação da pág. 1)

meiro? Olhe, é aquele moço, ali debaixo dos cartões; está cá desde as 5 horas da tarde e quando aqui chegou ainda havia quem estivesse lá dentro para ser atendido." Dizia um outro:

— "Eu, é a 2ª vez que venho cá para tirar o meu passaporte; ontem cheguei por volta da meia-noite; de manhã, quando fui atendido, mandaram-me ir para casa porque me faltava o bilhete de identidade da minha mulher e eu habito a 100 km daqui!

— "Mas o que tem a sua mulher a ver com o seu passaporte?"

— "Não sei!"

— "A mim aconteceu-me exactamente o mesmo", disse-nos um homem que acabava de chegar.

Às 4 horas, a polícia obrigou toda a gente a levantar-se e a formar a bicha. Era demais! As pessoas irritavam-se: "Isto é demais! Triste vida a do emigrante!", "É indecente!" e "Vejam lá bem que a minha mulher pensa que nós cá em França nos divertimos! Se ela me visse aqui, chamava-me já de volta..."

Por volta das 4h 30m, já éramos cerca de 60, com mulheres e crianças. Então a chuva voltou a cair e os poucos guardas-chuvas abriram-se, mas a maioria ficou toda molhada. Quando, por volta das 6 horas, começaram a chegar, correndo, os que tinham apanhado o 1º metro, já lá se encontravam perto de 100 pessoas. Vinham naquela pressa para serem os primeiros da bicha mas ficaram logo disiludidos ao verem já tanta gente.

ESTOU FARTO DE FAZER ENRIQUECER ESTA GENTE!

Às 7h 30m os abutres começaram a chegar, vendendo os jornais do Banco ou propondo os seus serviços (agências), caros evidentemente.



uma noite à chuva

Passados alguns momentos, perguntei a um jovem, que se encontrava à minha frente na bicha, e que tinha vindo de Lille para regularizar a sua situação militar.

— "Porque é que veio de tão longe? Em Lille não há consulado?"

— "É que o consul de Lille não trata do que diz respeito ao serviço militar."

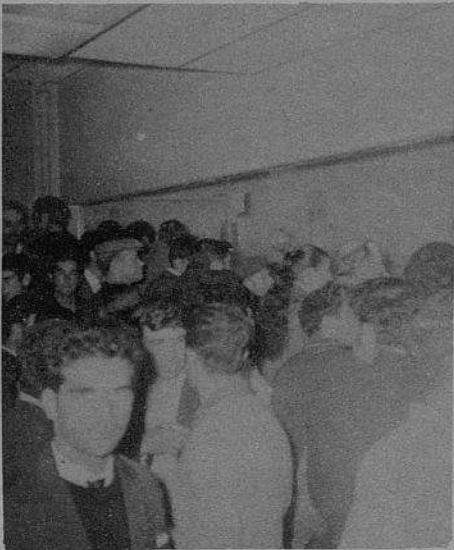
— "Porquê?"

— "Cá eu não sei bem, mas segundo dizem, é porque isto de regularizar a situação militar não lhe dá dinheiro nenhum."

Às 8h 30m abriram-se as portas do consulado e começaram a dar as senhas de entrada. As pessoas iam avançando para os "guichets" que ficam numa garagem apertadíssima. Nessa altura, quando estávamos dentro da garagem, houve quem tirasse uma fotografia e a luz do "flash" fez com que o fotógrafo fosse notada por uma empregada que começou a gritar pelo autofalante:

— "Quem tirou a fotografia? ao que ninguém respondeu. Mas, descobrindo-o disse logo:

— "Você aí, venha cá!" Quando ele chegou perto dela, recebeu a ordem de entrar para outra sala. Vendo que era chegado o momento de desaparecer, o fotógrafo diri-



houve quem tirasse uma fotografia

giu-se para a porta, dizendo:

— "Amigos, deixai-me passar!" Abrindo caminho diziam-lhe:

— "Fuja, fuja que se eles vierem atrás, nós não os deixamos passar."

À saída do fotógrafo, a mulher gritou para um homem que devia ser Pide — "Vá pela outra porta; está lá fora um polícia."

O burburinho era enorme pois toda a gente comentava o acontecimento. Ouve quem dissesse:

— "Cá para mim tanto me faz que me chamem bom ou mau, mas só queria ter umas 24 horas para escrever; nem falava! Depois eu só queria que o que eu tivesse escrito fosse feito... voltava isso ao contrário, os de cima para baixo e os de baixo para cima."

— "Assim é que é! O que é preciso é mostrar a toda a gente o que aqui se passa."

— "Eu cá já estou farto de fazer enriquecer esta gente com multas, taxas de urgência, papeis e mais papeis."

Quando saí cá para fora, encontrei um jovem conhecido que me contou o que se passará com ele na véspera

DEPOIS DAS 4 HORAS DA TARDE SÓ DE URGÊNCIA

— "Eu ontem cheguei cá por volta das 5 horas da manhã. Éramos 300 pessoas apertadas que nem sardinhas naquela cave. À tarde a máquina das fotografias avariou-se misteriosamente. O golpe é simples: eles não nos querem aviar a todos e por isso estragam a máquina de propósito. É por essa razão também que eles não publicam papeis a dizer o que é preciso. Ponha lá no Jornal que se alguém for ao consulado e precisar de fotografias, caso a máquina esteja desligada, pode ir tirá-las à estação de caminho de ferro "La Murette", aqui mesmo ao lado.

O moço que estava à minha frente era a terceira vez que cá vinha; quando foi atendido eram já 4 horas. Queria um passaporte.

Empregado — "Bom! os seus papeis estão bem. São 200 NF."

O Moço, admirado — "Mas eu não quero de urgência!"

Empregado — "De qualquer modo, depois das 4h da tarde, todos os passaportes são de urgência."

Moço — "Mas eu estou aqui desde as 5 da manhã?"

Empregado — "É como lhe digo e se não quer, volte cá amanhã!"

E vai disto, o empregado atira com os documentos ao moço. E veja lá bem que ele encaixou tudo. Quando a seguir o empregado me disse que eu voltasse cá no dia seguinte porque faltavam os papeis da minha mulher, eu perdi a cabeça e chamei-lhe todos os nomes que sabia. Disse-lhes que isto ia acabar um dia, que de ladrões estávamos nós fartos.

Pois se eles estão sempre a pedir urgência, é porque isso é um grande negócio para eles, pois há funcionários que cobram vencimentos mensais de 100 a 200 contos, ou mesmo mais.

Hoje estou de volta. Se ainda não é desta, racho tudo! Olhe que desde que vim para França há 6 meses, já é a 5ª vez que cá venho!

Aqui terminou a nossa reportagem sobre o consulado. Este assunto, por nos parecer dos casos mais flagrantes da forma como a burguesia portuguesa pensa continuar a explorar-nos em França, voltará a ser tratado por nós em outros números.

R. Fernandes e M. Valente

CASSIUS CLAY VOLTOU AO RINGUE

Depois de ter sido condenado a 5 anos de prisão por se recusar a tomar parte na criminoso guerra do Vietnam, Cassius Clay volta ao ringue.

No dia 26 de Outubro, Cassius Clay, antigo campeão mundial de pesos-pesados, enfrentou em Atlanta, na América do Norte, Jerry Quarry, o principal adversário do actual campeão do mundo, Frazier, batendo-o ao 9º minuto do combate por K.O.

Clay, americano de raça negra, nasceu a 17 de Janeiro de 1943. Em 1960 sagrou-se campeão de meios-pesados nos Jogos Olímpicos de Roma, recebendo a medalha de ouro. De regresso à América, foi imediatamente contractado por um grupo de capitalistas de Louisville que, por serem mais rendosos os boxers pesos-pesados, engordaram Cassius que se tornou para eles um grande

negócio. Todos os recordes de receitas foram batidos e a 25 de Fevereiro de 1964, Clay conquistou o título de campeão mundial de pesos-pesados, batendo Sonny Liston, até aí o campeão.

Mas Clay começa cada vez mais a interessar-se pelos problemas do seu povo; em 1967, Cassius, campeão imbatível, recusa-se a cumprir o serviço militar.

— "Eu não tenho razão nenhuma para ir matar os vietnamitas. Eles nunca me fizeram mal."

Cassius passou a utilizar os ringues, a televisão, as entrevistas, etc., como meio de fazer conhecer a toda a gente as suas ideias. O dinheiro que ele ganhava nos combates ia todo para a organização de nacionalistas negros "Os Muçulmanos Negros", de que ele se tornara militante.

Ora o desporto nos Estados Uni-

dos é um negócio e um meio de propaganda para os banqueiros, gangsters, industriais e seus políticos (incluindo os que estão no governo, evidentemente). Eles não podiam deixar que essa sua máquina se voltasse contra eles. Por isso, a Federação de Boxe, tirou o título de Campeão do Mundo a Cassius, sem que ele tivesse perdido em combate e o governo americano julgou-o e condenou-o a 5 anos de prisão por ele se recusar a ir para a guerra. Hoje, se ele volta a combater é porque recorreu da pena e está em liberdade condicional. Em breve poderá estar na prisão, a cumprir a pena a que foi condenado se continuar a manter a sua firme e justa decisão de não ir servir o imperialismo americano na sua criminoso guerra do Vietnam.

José Rocha

MANIFESTAÇÃO EM LISBOA

No dia 21 de Fevereiro teve lugar em Lisboa uma manifestação contra a guerra nas colónias. Isto foi tudo o que nos deu a conhecer um jornal da burguesia francesa (Le Monde). Assim sabemos que mais uma vez o povo português se manifestava contra a guerra colonial.

Na redacção de "O Salto" achámos que era nosso dever saber o que se passava para que nós todos, trabalhadores emigrados, tomássemos conhecimento de um acontecimento que nos queriam esconder.

A nossa alegria foi portanto grande quando conseguimos falar com alguém que tomara parte nessa manifestação.

Deixemos pois, a palavra a quem viveu os acontecimentos:

"Não foi por acaso que foi escolhido o dia 21 de Fevereiro para uma manifestação contra a guerra colonial. É que o dia 21 de Fevereiro é uma data em que em todo o mundo se organizam manifestações contra o imperialismo e o colonialismo. Ela é para nós, emigrados, uma data especial. Foi no dia 21 de Fevereiro de 1944 que os fascistas alemães de Hitler assassinaram em França, no Mont Valerien, 23 trabalhadores emigrados e franceses (5 italianos, 2 arménios, 1 espanhol, 3 húngaros, uma romena, 8 polacos e 3 franceses) que, rompendo as barreiras que a burguesia procura impôr à união dos trabalhadores emigrados e franceses, se tinham unido na luta armada contra o inimigo comum: o capitalismo na sua forma mais sangrenta que é o fascismo.

A partir de 1961 que os povos de Angola, Guiné e Moçambique pegaram em armas para lutar contra o colonialismo português que os escraviza há mais de 400 anos. Em Moçambique, por exemplo, quem matasse um trabalhador negro, tudo o que lhe aconteceria era pagar à fábrica onde o trabalhador prestava serviço uma quantia de 1.000 escudos. O colonizador tem praticamente o direito de vida ou de morte sobre o trabalhador negro, seu autêntico escravo, que por um mês de trabalho, no corte da cana de açúcar por exemplo, ganha 250 escudos.

Desde 1961 que os falsos amigos do povo gritam que é preciso acabar com a guerra colonial sem nada fazerem para isso. Nem uma única manifestação contra essa guerra. No entanto, poucos meses depois das eleições, lá estavam os falsos amigos do povo da CDE tentando convencer os trabalhadores a inscreverem-se nas listas eleitorais para as juntas de freguesia.

GUERRA À GUERRA COLONIAL

Desde 1961 que os falsos amigos do povo como os da CDE procuram pôr termo à luta de libertação dos povos de Angola, da Guiné e de Moçambique, dizendo que é necessário que eles assinem a paz com os fascistas. Enquanto os trabalhadores negros forem explorados e assassinados, não é possível a paz, responderam-lhes os patriotas de Angola, da Guiné e de Moçambique.

Foi por tudo isto que quando encontrei um papel dizendo: TODOS PARA A RUA NO DIA 21 DE FEVEREIRO pensei que se tratasse mais uma vez de algum epelo para uma romaria a algum cemitério ou estátua. Mas não era este o caso: o papel vinha assinado pelos Comitês de Luta Anti-Colonial (C.L.A.C.), de que ouvia falar pela primeira vez

e dizia a determinada altura:

"A guerra colonial é um desafio à dignidade de todos os explorados; ela só será possível sem grandes problemas para os monopólios, se os operários, camponeses, empregados e jovens consentirem na sua continuação sem resistência. No fim dizia: DIA 21, MANIFESTAÇÃO, ÀS 18 HORAS NO MARTIM MONIZ".

Dia 21, às 18 horas, lá estava eu no Largo Martim Moniz. Pela primeira vez em Portugal se manifestava contra a guerra colonial. Não éramos muitos, umas centenas (mais de 500 certamente) entre operários e estudantes; são ainda poucos aqueles que compreenderam que lutar contra a guerra colonial é lutar pela nossa liberdade.

No entanto as centenas que éramos, lá fomos reagrupando como podemos e quando éramos um grupo suficientemente forte, partimos entusiasmados em direcção ao Rossio gritando "Abaixo o Colonialismo" e "Guerra à Guerra Colonial".

Chegados ao Rossio, verificámos que todas as saídas estavam cortadas pela polícia de choque, a polícia mais especializada para reprimir as manifestações populares que possui o capitalismo português.

Ponham lá no jornal, para que todos os trabalhadores emigrados não se deixem enganar, que nada mudou com o Caetano, que os trabalhadores e todos os que lutam contra o capitalismo e o colonialismo continuam a ser oprimidos e que só aos Srs. Doutores, como o Mário Soares e outros é dada liberdade. Disso não tivemos dúvidas nenhuma quando a polícia nos atacou ali no Rossio. Bem sentimos quanto é falsa a "liberaliza-

ção" do Caetano. Apesar de muitos de nós terem sido gravemente feridos e presos, um grupo aí de 30 manifestantes conseguiu passar as barreiras da polícia e reagrupar-se na Praça do Duque de Saldanha. Foi esse grupo que continuou a manifestação seguindo pela avenida da República. Aí juntou-se a nós um jovem operário que gritava entusiasmado "os povos das colónias vencerão". A sua entrada veio dar um grande ânimo aos manifestantes pela combatividade de que dava mostras, chamando toda a gente que se encontrava nos passeios a juntar-se à manifestação.

Em breve já éramos mais de uma centena dirigindo-nos para o Campo Pequeno e em seguida para a Alameda D. Afonso Henriques onde acabou a manifestação por volta das 20 horas.

Está claro que durante toda a manifestação tivemos de enfrentar os srs. da CDE e da CEUD que dizem defender os interesses dos trabalhadores mas que se juntam a nós para tentarem impedir, com o seu pacifismo, de acabarmos definitivamente com a exploração capitalista e colonialista. Mas há muita gente que compreende que os da CDE e da CEUD não têm lugar entre quem luta.

Companheiros emigrados, a luta contra a guerra colonial já começou em Portugal. Não importa o que faça a burguesia portuguesa para impedir, ela só terminará pela vitória dos patriotas de Angola, Guiné e Moçambique e pela conquista pelo Povo Português de Paz e Liberdade".

E foi assim que terminou esta nossa conversa. "O Salto" resolveu reproduzi-la integralmente por achar o tema da maior importância.

Temos fome, queremos pão!

Quantas vezes não temos ouvido dizer que os trabalhadores portugueses vêm a França aprender a lutar. Que nem uma greve sabem o que é. Isso é falso. A luta dos trabalhadores portugueses pelo Pão, tem-se desenvolvido através dos anos e tomou formas violentíssimas.

O aumento dos preços que se tem vindo a dar nos últimos anos, especialmente desde o início das guerras coloniais, tem provocado um aumento correspondente da miséria do povo e da sua luta por melhores salários. Senão, vejamos o quadro que abaixo publicamos.

Neste quadro, estão indicadas as fábricas e vários locais de trabalho tocados por greves e outras formas de luta, que decorreram de Janeiro a Junho deste ano.

No Porto a EFACEC, SONAFI, FIL, SECHERON, FACAR, NACITEX, SILVA & NETO; A. HENRIQUES de S. João da Madeira; OLIVEIRA & Ferreirinha de Matosinhos; pescadores da sardinha da Costa Norte, do Algarve e de Peniche; OLIVEIRA FERREIRA de Riba de Ave; dois estivadores do Porto de Leixões; COMPANHIA DAS MINAS DE CARVÃO de S. Pedro da Cova; MANUEL GONÇALVES, de S. Cosme-Famalicão, FILOR, BOA REGULADORA de Famalicão; MANUEL PEREIRA ROLDÃO, FÁBRICA CENTRAL, PLÁSTICOS UPLA da Marinha Grande; PENTEADORA de Vinhais da Serra; FÁBRICA DE LINHAS de Leiria; FIAÇÃO DE TECIDOS de Torres Novas; FÁBRICA DE MALHAS CIRA, TUDOR de Castanheira do Ribatejo; MATADOURO de Santarém; COMPANHIA NACIONAL DE ELECTRICIDADE, SONAGUE,

CARRIS de Lisboa, LEVER, FIMA, OLÁ, MÓVEIS OLAILO, FÁBRICAS DE LOIÇAS, SOCIEDADES REUNIDAS REIS, TREFILARIA, METALIZAÇÃO de Sacavém, CIMENTOS TEJO, IBEROL de Alhandra; LANIFÍCIOS TEJO, EMPRESA DE VIAÇÃO & COMÉRCIO de Alenquer, BARROS; GRAÇA, CORTICITE de Cabo Ruivo; os motoristas e distribuidores da UCAL de Loures; os motoristas da LUZ & IRMÃO de Riachos; CENTRO BIOLÓGICO DE CEIRAS; SODA PÓVOA, SILVIO SALDANHA de Santa Iria; MEVIL de Vila Franca de Xira; PÓLVORA de Moscavide; COMPANHIA DE PESCA de Olho de Boi; SOREFAME SONACA, no Baixo Ribatejo; FORD da Azambuja; FÁBRICA HIPÓLITO de Torres Vedras; BAPTISTA RUSSO, os tipógrafos do DIÁRIO DE NOTÍCIAS, da Amadora; LABORATÓRIOS ATRAL; CIPAM de Vale do Carregado, PARQUE AERONÁUTICO, MOLA MODERNA, ARGIBAY de Alverca; os corticeiros da margem sul do Tejo; METALÚRGICA JÚLIO MACEDO, CUF do Barreiro; SIDERURGIA NACIONAL do Seixal, UFA do Lavradio; PARQUE DE ENCHIMENTO DE GAZCIDLA do Rosário-Moita; MOVAUTO, SOCEL, BARREIROS, SETUBALENSE de Setúbal; ainda a PARRY & SON, ARSENAL, ROBBIALAC, EMPRESA DE CAMIONAGEM "BOA VIAGEM" as vendedeiras do mercado de Viseu, as criadas dos HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA.

A burguesia repondeu à luta dos trabalhadores da mesma forma que respondia no tempo de Salazar, isto é, através da P.S.P., da G.N.R. da D.G.S. (P.I.D.E.), como fez contra os operários da LISNAVE.

Rui Fernandes

MORREU UM DITADOR

Salazar foi, desde 1928, o chefe da ditadura burguesa e fascista. Defendeu os capitalistas (a burguesia) e oprimiu os trabalhadores.

Essa ditadura oprime e explora as classes trabalhadoras em proveito dos capitalistas. Assim compreendemos que a sua pandilha lhe tenha prestado altas homenagens e que as classes trabalhadoras tenham manifestado indiferença em relação à sua morte. O governo reuniu-se expressamente para organizar funerais nacionais, toda a máquina de propaganda que puderam utilizar foi mobilizada para tentar dar grande importância ao assunto, para tentar convencer a população de que "morreu um grande homem". Os jornais quase só falavam do assunto, as revistas elogiavam a "obra" de Salazar, a radio transmitia música funebre, a televisão mostrava cenas da vida do ditador, foram proibidos os espectáculos recreativos, foi organizado um grande funeral, etc..

Nada disto evitou que a grande maioria do povo português manifestasse indiferença pelo acontecimento. Mesmo as pessoas do povo, não conscientes do que era Salazar, que lá estavam eram poucas. A grande maioria era constituída por funcionários públicos que lá tinham de ir, por polícias e pides. A população aborrecia-se porque não podia ir ao cinema e só ficou contente com os feriados.

Quase não se falava do assunto e poucos dias depois o caso caía no mais completo esquecimento. Pois a morte de Salazar não tinha qualquer significado! Em vez dele lá estava o Marcelo seguindo a mesma ditadura fascista!

Quando muito ouviam-se anedotas:

- Sabes que os vermes de Santa Comba Dão deixaram em massa o cemitério? Foram pedir asilo político ao cemitério mais próximo.

- Sabes porque é que agora faz tanto calor? É porque se abriram as portas do Inferno para o Salazar entrar!

- O comboio de Santa Comba Dão partiu com 40 anos de atraso.

É pouco mais há a dizer. Aquelles que Salazar defendeu, os capitalistas, toda a classe de exploradores, esforçam-se por convencer o povo de que ele foi um "grande homem".

Os explorados, aqueles a quem a sua política chupou suor e sangue e aumentou a miséria, mantiveram intacto o ódio que sentiam por ele e por toda a sua classe — a burguesia.

Correspondente em Portugal
José Nicolau

RACISMO E OPRESSÃO

Angolano, carteiro em Luanda, pai de oito crianças, João Baptista foi preso em 1965, acusado de pertencer ao M.P.L.A. (Movimento para a Libertação de Angola), foi condenado a 2 anos e meio de prisão, acrescidos de 2 anos de "medidas de segurança".

Acabado este tempo, o director da prisão de Peniche declarou que João Baptista continuaria preso, porque: "ele é negro, rude e não tem instrução". (Le Monde).

Esta notícia mostra bem a opressão que sofrem os povos das colónias portuguesas.

MORREU O «JORNAL DO EMIGRANTE»

Os antigos assinantes do "Jornal do Emigrante" ficarão admirados ao receberem em suas casas "O Salto". A eles é importante, portanto explicar porque é que dizemos que morreu "O Jornal do Emigrante". O porquê de "O Salto" vem explicado na coluna ao lado.

O "Jornal do Emigrante" foi criado em princípios de 1968 por iniciativa da Liga Portuguesa do Ensino e da Cultura Popular. Ele pretendia tornar-se o jornal dos trabalhadores portugueses emigrados. No entanto, por razões várias, desde a sua criação até hoje, só 7 números saíram desse jornal, datando o último número de Março de 1970. É nossa intenção começar por explicar aqui as razões pelas quais o jornal não sai há 6 meses e porque o "Jornal do Emigrante" não voltará a sair, caso ele saia será mais uma aldrabice do Moisés. Nos fins de 1969, Moisés Espírito Santo, presidente da Liga Portuguesa do Ensino e director do "Jornal do Emigrante", tomou a iniciativa de formar um grupo que se encarregaria do "Jornal do Emigrante" que já não saía há quase 2 anos. Esse grupo era formado por jovens trabalhadores que tinham criado o Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris e do Clube dos Jovens Portugueses de Houilles, bem como os membros do Clube Franco-Português da Juventude. Quando estava para sair o nº 7, Moisés apresentou uma série de acusações contra os membros que pertenciam ao Clube Franco-Português da Juventude e estes foram expulsos do grupo. O grupo formado por 8 elementos (4 do Clube dos Jovens Trabalhadores de Paris, 1 da direcção do Clube dos Jovens Portugueses de Houilles, o Sr. Moisés e 2 amigos seus) preparou o nº 8 e organizou a venda do nº 7.

Mas para o Sr. Moisés o "Jornal do Emigrante" não era o jornal dos trabalhadores emigrados como muitos acreditavam ser. Para ele o "Jornal do Emigrante" era uma forma de dominar os clubes que para ele contribuíam. Isto levou a que o "Jornal do Emigrante" perdesse o apoio dos clubes e deixasse de poder sair.

Nós não estamos de acordo com os seguintes factos, entre outros:

1º) que o Sr. Moisés tivesse afirmado que se o Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris não desse 1000 NF para a saída do jornal, ele criaria um outro clube ao lado com o mesmo nome;

2º) que ele tivesse montado um golpe em relação ao Clube dos Jovens Portugueses de Houilles tendo proposto a esse clube que ia abrir a conta do clube em nome da Liga Portuguesa do Ensino e da Cultura Popular de que Moisés é, de facto, presidente e único membro, tendo afirmado que com este golpe ele arranjará dinheiro para o "Jornal do Emigrante", pelo que foi severamente criticado pelos restantes membros do grupo. Apesar disso, não desistiu da sua ideia e mandou abrir conta no Crédit Lyonnais.

Simplesmente os jovens do clube de Houilles, avisados, não aceitaram pôr dinheiro nessa conta.

3º) nós não estamos de forma alguma de acordo com a maneira como o Moisés procura criar outros clubes e nas relações que ele pretendia criar entre o "Jornal do Emigrante" e esses clubes. Assim, quando da criação de um clube em Alfortville ele afirmou: "fazemos assim; a receita das festas será dividida entre os membros da direcção do clube e o "Jornal do Emigrante". E em Houilles ele ten-

ta arranjar colaboradores e acena-lhes com o mesmo chamariz. Assim um membro desse clube, ultimamente muito ligado ao sr. Moisés, propõe numa reunião da direcção que o dinheiro fosse dividido entre os membros da direcção para comprar gasolina para eles poderem ir para férias. O Moisés tenta transformar, assim, os clubes em associações em que, em nome da cultura e do desporto, se exploraria a bolsa dos trabalhadores emigrados em proveito do jornal e dos que seriam eleitos para as direcções.

Dados todos os factos acima mencionados, o colectivo do "Jornal do Emigrante", depois de ter tentado chamar o Sr. Moisés à razão, chegou à conclusão de que a única maneira era expulsá-lo e assim o fez a 26 de Junho de 1970.

Mas o Sr. Moisés era quem tinha dado o nome na Polícia como director do jornal e como era de esperar não aceitou mudar o nome e cumprir com o que a maioria tinha decidido. Assim o colectivo do "Jornal do Emigrante" viu-se obrigado a mudar o nome do jornal para "O Salto". Parte dos arquivos do "Jornal do Emigrante" estavam nas mãos do Moisés e por isso muitos dos assinantes do jornal não poderão receber "O Salto" porque não temos as suas direcções.

Colectivo de "O Salto"

Tambem fui inimigo da razão

(Continuação da pág. 7)

lotão e dois voluntários da companhia velha; todos armados até aos dentes, para prenderem dois farrinheiros indefesos.

Quando cercaram a habitação os procurados tentaram fugir, um conseguindo mas o outro foi crivado de balas pelas mãos assassinas dum voluntário da companhia velha. Disse o meu colega que uns ficaram surpreendidos com tal barbarismo mas outros ficaram contentes e felicitaram o assassino.

De Tete passei para Mueda onde completei o estudo sobre a guerra que os povos escravos fazem aos burgueses exploradores do Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Moçambique, Champallimauds, etc., etc. Foi aí que vi que eles não lutam contra os soldados inocentes que o governo burguês para lá obriga a ir, mas sim contra os próprios burgueses. A prová-lo, está um papel que eles um dia nos deixaram escrito.

Indo numa coluna militar, mal saímos de Mueda, a meio do caminho estava uma árvore atravessada. Suspeitando de alguma coisa, acautelamo-nos mas depois vimos que a árvore tinha sido partida pelo vento, abandalhá-mo-nos todos e tiramos a árvore; passado uma hora, voltamos a passar de regresso, pois no sítio da árvore estava um pau espetado com um papel que dizia:

"Soldados, nós não vos matámos porque não quisémos, estávamos aqui emboscados quando vocês tiraram a árvore. Nós não lhes fazemos mal porque vocês andam aqui obrigados, nós só queremos os grandes que vêm para cá ganhar dinheiro e mandar assassinar. Soldados, larguem as armas, recusem-se a combater, vão para Portugal e façam lá a vossa guerra, acabem com a burguesia exploradora.

Além destes apontamentos muitos mais podia citar, mas por hoje fico por aqui.

D.G. (Paris 16)

Mais de um milhão e meio de emigrantes sem trabalho nos Estados Unidos

Aquilo que todos os dias nos contam no cinema, nos jornais e na telefonia pode fazer-nos pensar que os Estados Unidos da América é um país imensamente rico, onde não há pobreza e toda a gente vive bem. Mas será realmente assim? Não, não é isso que acontece, porque, apesar do grande desenvolvimento técnico dos Estados Unidos os lucros que daí resultam não são distribuídos como deviam, por aqueles que trabalham. Lá, como em todos os países capitalistas, são os operários que trabalham mas são os patrões que ganham dinheiro, ficando os trabalhadores sujeitos à miséria e ao desemprego.

Os próprios jornais americanos reconhecem que o desemprego aumenta cada vez mais e, em Julho passado, atingiu o ponto mais alto dos últimos seis anos.

4,5 milhões de trabalhadores, constituindo 5% da população activa americana, estão desempregados. Este problema atinge a sua maior gravidade entre os operários não especializados e os jovens dos quais 15% não tem trabalho. Além disso, devido à política racista do governo americano, conta-se entre 30 e 50% o número de jovens negros e de origem estrangeira que se encontram sem emprego. Lá, como cá e em todos os países capitalistas, os trabalhadores emigrados estão sempre entre as maiores vítimas da exploração dos patrões. O enorme aumento de desemprego faz aumentar a cólera dos trabalhadores americanos, que já não se deixam enganar pelos capitalistas. Recentemente, uma enorme greve "selvagem" de empregados dos Correios interrompeu durante vários dias a distribuição de correspondência em todo o país.

Em Los Angeles os trabalhadores imigrados na maioria de origem mexicana, organizaram uma imensa manifestação que foi brutalmente reprimida pela polícia, tendo sido mortos dois jovens. Não nos deixemos pois enganar com a ilusão que é ainda para muitos de nós os Estados Unidos.

Já o artigo estava escrito quando lemos que o Ministério anunciou a 5 de Setembro que o desemprego tinha de novo aumentado atingindo agora o nível mais alto desde há perto de 6 anos, ou seja 5,1% da população em idade de trabalhar.

(Dados tirados do "Le Monde")

Barreiros

MAIS UM SUBSÍDIO PARA O JORNAL DOS BANCOS

O jornal do Banco Franco-Português "Correio Português", recebeu um subsídio de 200 contos da Secretaria de Estado de Informação e Turismo. Além dos subsídios da tal Secretaria e além do dinheiro dos patrões do Banco, os redactores do "Correio Português" ainda têm o descaramento de fazer peditórios entre os seus leitores para comprar uma carrinha.

Mas, para receber tanto dinheiro do Governo e dos Bancos, está claro que o "Correio Português" defende o melhor que sabe esses senhores. Não é a defender os trabalhadores que se ganham subsídios dos Bancos e do Governo.

CORREIO DO LEITOR

Estas cartas que publicamos neste primeiro número de "O Salto", foram-nos enviadas quando o nosso jornal ainda se chamava "Jornal do Emigrante".

Carta de Paris

"Eu quero ser assinante deste jornal. Eu tenho uma ideia, é esta: era pedir a cada assinante que desse 2 francos cada um para fazer uma tiragem especial para pôr nos centros aonde há emigrantes portugueses, porque muitos emigrantes portugueses não sabem que este jornal existe. Porque 2 francos não custa nada a ninguém e faz muito aos portugueses que não sabem nada do nosso querido Portugal".

J. R., Paris 4

Carta da Bélgica

"Cheguei há pouco tempo à Bélgica e ao entrar em contacto com a vária imprensa anti-fascista reparei que havia muito pouca coisa que representasse e defendesse e ao mesmo tempo esclarecesse a imigração. Tive conhecimento do vosso jornal através de um amigo. Nesse sentido agradecia que me enviassem alguns exemplares dessa maneira, não só ia acompanhando a nossa actividade como também tentaria criar núcleos de amigos, provavelmente dispostos a prestar colaboração".

C.F., Bruxelas
Bélgica



N.R. - Estas duas cartas resumem de uma forma bastante concreta qual deve ser a contribuição de todos nós para fazer de "O Salto" o jornal dos trabalhadores portugueses emigrados.

Veja-se a este propósito o artigo da primeira página "Nasceu o Salto".

Ora, concretamente como é que podemos pôr estas ideias em prática:

1) fazendo assinaturas de apoio ou seja, 1 ou 2 assinaturas suplementares e assim o assinante receberá o número de jornais correspondentes ao das assinaturas que assim poderão distribuí-los a amigos;

2) arranjan-do novos assinantes para o jornal;

3) aqueles que tiverem conhecimento de centros, clubes, associações ou de cafés de portugueses, poderão comunicá-lo que nos enviaremos alguns exemplares para lá;

4) aqueles que tiverem amigos noutras terras e que julguem que esses seus amigos poderão interessar-se por ler o jornal, comuniquem-nos os seus nomes e moradas que nos lhes enviaremos um ou dois exemplares para que eles fiquem a conhecer o jornal;

5) criando núcleos de assinantes que habitem no mesmo local; e que se proponham a divulgar "O Salto" nos mercados, fábricas e outros locais de trabalho, além disso que prestem colaboração ao jornal enviando notícias de acontecimentos em Portugal, do lugar onde habitam ou onde trabalham, críticas ao que foi publicado, fotografias e até mesmo dados sem forma de notícia ou artigo, porque afinal o jornal é dos trabalhadores portugueses emigrados.

UM TRABALHADOR PREVENIDO VALE POR DOIS

Na secção "Um Trabalhador Prevenido Vale Por Dois", nós procuraremos .

1º- Responder às perguntas que nos sejam feitas sobre os nossos direitos (advogados franceses amigos ajudar-nos-ão nisso);

2º- Publicar artigos como o de hoje que nos ajudarão a melhor enfrentarmos a burguesia, sempre que a ela somos obrigados a recorrer e aonde serão indicados os direitos que os trabalhadores em França conquistaram à custa de duras lutas.

Escreve para a secção "Um Trabalhador Prevenido Vale por Dois"; expondo os teus problemas, que nós te responderemos o mais depressa possível.

O que precisamos saber para regularizarmos a situação em França

A maior parte de nós vem a salto. Em 1968 dos 30.868 trabalhadores portugueses que chegaram a França, 29.085 vieram a salto.

Por isso o primeiro problema que temos que resolver é o da regularização da nossa situação. Eis o que temos de fazer para isso:

1º- Ir tirar um "Récépissé de demande de carte de séjour", válido por três meses a contar da data do pedido, na Direcção da Polícia, 9 Bd. Ney, Paris 18, se se habita em Paris ou nos departamentos de Hauts-de-Seine (92), Seine-St. Denis (93) e Val de Marne (99). Nos outros departamen-

tos, ir à Prefeitura da Polícia. Levar consigo o Bilhete de Identidade ou o Passaporte ou autorização passada pela polícia francesa na fronteira espanhola. É preciso chegar cedo ao Boulevard Ney, por volta das 4h da manhã, porque o serviço está mal organizado e há bichas de 300 pessoas. Por vezes a administração não dá o "récépissé" senão quando o emigrado já tem trabalho. Faz-nos esperar, por vezes, um mês para o dar.

2º- Arranjar um certificado de domicílio passado pelo senhorio, ou pela Mairie se habita num "bidonville". Arranjar trabalho e pedir ao patrão um certificado de trabalho.

3º- Pedir a carta de trabalho no "Bureau de la Main d'Oeuvre Etrangère", ou na Mairie da comuna. Em Paris no 39I, rue de Vaugirard Paris 15.

Levar consigo o certificado de domicílio e o certificado de trabalho dado pelo patrão. O patrão deve pagar 300 NF à administração pela carta de trabalho, mas ele desconta-os arbitrariamente do ordenado.

4º- Fazer inspecção médica no Office National d'Immigration, 42 rue Bague, Paris 15.

5º- Pedir a "carte de séjour" no Serviço de Estrangeiros da Prefeitura no departamento do seu domicílio. Levar consigo o certificado de domicílio e a carta de trabalho e as folhas de paye.

A "carte de séjour" é um documento de identidade e de polícia

autorizando o seu possuidor a residir na França por um tempo determinado. A "carte de séjour" é obrigatória a partir dos 16 anos. Os pedidos devem ser feitos no comissariado da polícia ou na falta deste na Mairie da comuna da residência e em Paris e nos departamentos 92, 93, 94 (9ter Bd. Ney para os portugueses). A "carte de séjour" uma vez passada pela Prefeitura é enviada aos cuidados do comissariado da Polícia ou da Mairie. Isto é a lei. Mas a regra é que os trabalhadores portugueses esperam durante anos a "carte de séjour temporaire". De facto o que lhes dão é "récépissés" válidos arbitrariamente por 15 dias, 1 mês 2 meses, 3 meses e se obriga assim a fazerem renovações deste "récépissé" constantemente no comissariado.

A primeira "carte de séjour" que se recebe é a carte de "résident temporaire" de cor de laranja. É válida por um ano. Em seguida pode obter-se uma "carte de résident ordinaire" de cor verde, que é válida por 3 anos e finalmente uma "carte de résident ordinaire" uma "carte de résident privilégié" de cor azul, válida por 10 anos, mas isto não é automático, nem obrigatório. A maioria dos trabalhadores imigrados nunca recebem senão a "carte de résident temporaire"; a administração arranja pretextos como salários baixos, instabilidade de emprego que afinal são impostas pelos patrões, para lhes recusar as "cartes de séjour" de longa duração e assim submetê-los a um controle anual.

METROS

Direcção da Polícia:
9, Bd. Ney, Paris 18º — Met. Porte de la Chapelle.

Bureau de la Main d'Ouvre:
391, Rue de Vaugirard, Paris 15º — Met. Convention.

Office National d'Immigration:
Rue Bague, Paris 15º — Met. Volontaires.

AVISO

Pode-se mandar para Portugal mais de 300 F. por mês

Achamos estranha a notícia do Jornal "Correio Português" de 15 a 21 de Setembro, na qual eles diziam não se poder mandar mais de 300 F para Portugal por vales ou cheques. Desconfiados como estamos em relação a tal senhores, fomos aos correios informar-nos. Ali nos disseram que se podia enviar até 5.000 contra a apresentação de:

- Carta de trabalho
- A última folha de pagamento
- A carta de estadia (Séjour)

Até 300 F contra a simples apresentação duma peça de identidade.

Visto isto, resolvemos ir ao Banque Franco-Portugaise d'Outre-Mer confirmar a notícia que tínhamos lido e tentar descobrir as razões. Estivemos lá no dia 18 de Setembro e subimos ao andar do Jornal "Correio Português".

Nós — "Lemos uma notícia no vosso jornal que dizia que não se pode mandar mais de 300 F para Portugal pelo correio. É verdade?"

— "É sim senhor.", respondeu-nos o funcionário.

Nós — "Como é que se deve fazer para mandar dinheiro para Portugal?"

— "Ide lá baixo que vos resolverão tudo." respondeu-nos. Lá em baixo era o Banco!

TROCA-SE UM CLUBE POR ALGUNS TRABALHADORES

3 DIAS DE FESTA EM HUNINGE

Uma palavra é devida ao organizador do Festival, sr. Lucídio Ribeiro, gerente do Super-Marché GRO, que teve a ideia da interessante iniciativa, a que a Direcção do supermercado deu todo o seu apoio, e que o Centro de Portugueses e Espanhóis de Huningue patrocinou. Entusiasta da causa do emigrante,

— Possibilidades de empregos na região?

— É uma região em crescimento, com 4 fábricas em construção. Para já, tenho uma promessa de um clube para portugueses no caso de obter uns tantos trabalhadores para uma grande firma suíça, a Schindler Waggom...

Jornal "Correio Português" de 21 a 27 de Julho 1970.

É evidente que os senhores do Banco ou os gerentes dos Super-Mercados, não vieram para França porque em Portugal tinham fome. Os Trabalhadores são para eles como um saco de batatas, isto é, uma mercadoria, uma fonte de lucros.

A Suíça é um dos países da Europa onde os trabalhadores estrangeiros são mais mal tratados. Ora a firma suíça Schindler Waggom, que bem gostaria de ter uns trabalhadores portugueses a quem paga menos que aos suíços, tem dificuldades em arranjá-los. Ora o Sr. Ribeiro do Super-Mercado, que é um grande amigo dos senhores da Schindler Waggom e não dos Emigrados como o jornal do Banco nos procura fazer crer, propõe a seguinte negociata:

— Trabalhadores portugueses para a Schindler Waggom e para o Sr. Ribeiro e para o Banco mais um clubezito para chupar o dinheiro aos Emigrantes.

Você não é parvo nenhum, Sr. Ribeiro, seu espartinho! Mas um dia os Trabalhadores portugueses vão acabar com os "entusiastas da causa do Emigrante", isto é, entusiastas da bolsa dos Emigrantes!

A CRIANÇA E A VIDA



Os trabalhadores que têm "O Salto" e os trabalhadores que o escrevem têm filhos. E nós decidimos abrir uma secção infantil, para lá publicar desenhos, poemas ou histórias feitas pelos nossos filhos. Escrevam-nos mandando os trabalhos das vossas crianças, que nós os publicaremos.

O desenho e o poema com que abrimos esta nossa secção são extraídos do livro "A CRIANÇA E A VIDA". Ele é publicado por uma professora primária portuguesa, que deu aulas em Portugal e em Moçambique onde recolheu poemas, textos e desenhos dos seus alunos.

O desenho apresentado foi feito por uma jovem negra moçambicana, Luisa Ribeiro e se o examinarmos com cuidado vemos que de um lado estão as tropas coloniais portuguesas com uma auto-metrelhadora (no canto inferior esquerdo do desenho) e do outro lado os Moçambicanos de braços no ar. O poema foi feito por uma outra jovem moçambicana, a quem a autora do livro pediu que comentasse o desenho.

História de Maria

Esta mulher é Maria.
Está a gritar porque está com fome.
Não come há três dias, porque não tem coisa de comer.
Era pobre.
Era muito pobre como aquela gente toda que não tem comida.
E ela não faz nada.
Ela não podia fazer nada. Só chorar.
Depois caiu em baixo e morreu.
E tinha fome ainda.
Quando chegou outra gente, chorou no coração.
Chorou muito e fala assim: minha irmã morreu.
Morreu nossa irmã Maria!
Mãe de Maria, lá na terra dela, chorou também.
E outras crianças pensavam: não é bom, não, ter sempre tanta fome.
E Maria morta, pensava:
em cima da terra toda, tem tanta comida, porque foi que eu morri com tanta fome?

francisca

8 anos, moçambicana

festas em Novembro

*No dia 15 pelas 15 horas

Festa de S. Martinho no C.J.T. P.

59, rue de la fontaine-au-Roi, Paris 11 — Met. République e Goncourt.

Bailarico, Castanhas, Variedades

*No dia 2 a partir das 21 h.

(até de madrugada)

Abrilhantado por Rui Mateus e sua orquestra.

Na sala de festas da Mairie do 3º 2, rue Eugène Spuller.

Met. République e Temple.
Organizado pelo jornal "O Salto"

COMO RECEBER

corta por aqui

«O SALTO»

Assinatura de 12 números 10 F

NOME.....

MORADA.....

Peça que me envie um vale preenchido para o pagamento da assinatura

Junto envio um vale de 10 F para a C.C.P. 56 26 85 Paris como pagamento da assinatura.

Enviar para: "O Salto"
B.P. 95 PARIS 11º

Os camaleões já não enganam o povo ou como a P.I.D.E. mudou de nome

(Continuação da pág. 1)

trabalhadores começou a organizar-se e a tomar aspectos cada vez mais perigosos para os interesses dos grandes senhores da nossa terra, que tentam pois, pôr um termo à luta popular e acabar com os poucos direitos que os trabalhadores tinham conquistado durante a República, como seja o direito de formarem os seus sindicatos.

A burguesia passa a partir dessa altura a utilizar outra táctica na defesa dos seus interesses. Ela instaura pelo golpe de Estado de 28 de Maio de 1926, a Ditadura Fascista.

Para isso, para defender os patrões e reprimir os trabalhadores, a burguesia, como arma principal, passou a utilizar a violência, a mais selvagem e brutal. Ela criou uma série de forças, por nós todas bem conhecidas, como seja a Legião Portuguesa, a Organização Nacional da Mocidade Portuguesa, a Guarda Nacional Republicana, um partido político (a União Nacional) e para tentar impedir que a classe operária e os trabalhadores se organizem, criou uma polícia especial, a polícia política, que começou por se chamar Polícia de Informação.

Enquanto em França, quando há uma greve, a burguesia procura através dos sindicatos enganar os trabalhadores e levá-los ao trabalho, em Portugal fascista é a G.N.R. que procura pela violência pôr termo à luta dos trabalhadores.

É certo que também em França, quando os trabalhadores não se deixam enganar pelos senhores de gravata dos sindicatos e partidos reformistas e lutam contra o capitalismo como em Maio de 1968 a burguesia utiliza a repressão para pôr termo à luta dos trabalhadores. No entanto ela só o faz como última solução e não como primeira. Esta é uma das diferenças existentes entre uma democracia burguesa (França, Inglaterra, Bélgica, Suécia, etc.) e um Estado fascista (Portugal, Espanha, Grécia, Brasil, etc.)

No entanto os fascistas também procuram enganar o povo para diminuir a sua cólera e vontade de luta. Para antigir esse fim, eles fazem como o camaleão, tentam convencer o povo de que são pela paz, que são seus amigos. Mas tal e qual como o camaleão sempre que o Povo lhes descobre a verdadeira cara, a da exploração e da violência, eles tentam mudar de côr. Foi assim que entre 1926 e 1945, a polícia política mudou 5 vezes de nome:

- 1ª Polícia de Informação;
- 2ª Polícia de Defesa Política e Social;
- 3ª Intendência Geral de Segurança Pública;
- 4ª Polícia de Vigilância e Defesa do Estado.

Tudo isto se passou no tempo de Salazar e como vemos a táctica do Caetano não é nova.

Em 1944 a seguir à segunda guerra mundial, o povo português lançou-se no combate de uma forma nunca antes vista.

Com grandes greves e manifestações, sobretudo em Lisboa, que começaram em Novembro de 1942 e se repetiram todos os anos até Abril de 1947.

E EIS A P.I.D.E.

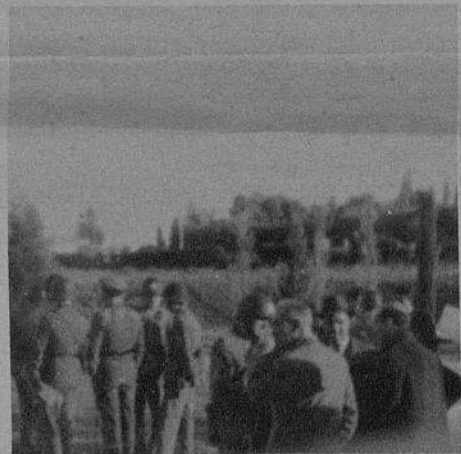
A polícia política chamava-se nessa altura Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVIDE). Para todos o mundo ela era a Gestapo portuguesa, culpada de milhares de mortes como a de Bento Gonçalves, no campo de concentração do Tarrafal.

Mas os regimes fascistas na Itália e na Alemanha tinham sido destruídos e a burguesia portuguesa tenta esconder a sua verdadeira cara aos olhos da opinião pública internacional e diminuir a luta dos trabalhadores em Portugal. O termo fascista tão utilizado pelo governo para definir a sua política durante a guerra é proibido. O nome da (PVIDE) foi mudado para Polícia Internacional de Defesa do Estado (P.I.D.E.).

No entanto grande parte do povo não se deixou enganar e a prová-lo estão as manifestações à volta da campanha eleitoral de Norton de Matos em 1949.

A mudança de nome da (PVIDE) para PIDE em nada veio mudar, nem podia, aos seus métodos e funções.

Entre 1945 e 1969, vamos assistir a uma série de crimes horren-



pidos e polícias de choque

dos. Centenas de trabalhadores mortos, como Militão Ribeiro, José Moreira, Alfredo Dinis, Cândido Capilé ou Catarina Eufémia em Baleizão. Milhares foram presos e torturados em Caxias, Peniche, Aljube, no campo de concentração de Tarrafal (conhecido pelo campo da Morte Lenta), etc.

Sempre que havia uma greve, lá estava a G.N.R. e a PIDE, e isto fez com que pouco a pouco um maior número de trabalhadores portugueses fosse descobrindo a verdadeira cara dos grandes senhores da nossa terra, Manuel de Melo (CUP), Delfim Ferreira (Banco Português do Atlântico), Champalimaud (Banco Pinto e Sotto-Mayor), Pinto de Azevedo (Banco Borges e Irmãos), Espírito Santo (Banco Espírito Santo e Comercial), era a que lhes era dada pela PIDE uma das suas armas.

O CAMALEÃO MARCELO

A partir de 1958, uma nova grande ofensiva, ainda maior que a de 1944-49, das classes trabalhadoras contra a burguesia começou. A maior parte de nós lembra-se da campanha eleitoral do Humberto Delgado, da grande greve no Alentejo, em 1962, das grandes manifestações em Lisboa de 1962. A partir de 1961 a esta luta contra o capitalismo em Portugal veio juntar-se a luta con-

tra o colonialismo português com o ataque à prisão central de Luanda a 4 de Fevereiro, seguido em 1962 com o começo da luta na Guiné e em 1964 em Moçambique.

A burguesia portuguesa sente-se pois ameaçada, ela tenta desesperadamente encontrar a colaboração necessária, para se manter no poder.

Para isso recorre a uma grande campanha para fazer crer que Marcelo Caetano não é o Salazar (conversas na televisão, passeios entre o povo, entrevistas, etc) e em que se fala de "Liberalização".

"Liberalização" é a nova cor que estes camaleões querem tomar.

Para isso eles tiveram que mudar o nome aquilo que era o símbolo da miséria que sofre o Povo Português, a PIDE, para Direcção Geral de Segurança.

Todos os membros da PIDE continuaram a ser os mesmos e como veremos, a utilizar os mesmos métodos. A sua função continua a ser a mesma: a repressão da luta contra o fascismo e o capitalismo português.

Se não vejamos o que diz o decreto-lei nº 49 401 de 19 de Novembro de 1969, que criou a D.G.S. no Art. 3 :

— São atribuições fundamentais da D.G.S. :

d) Efectuar a investigação dos crimes contra a segurança interior e exterior do Estado, procedendo à instrução preparatória dos respectivos processos.

A instrução preparatória dos respectivos processos é a tortura!

Na verdade, foram dadas certas liberdades, mas elas foram dadas a srs. burgueses e não aos trabalhadores.

De São Tomé fizeram vir Mário Soares (um senhor Doutor), pronto a colaborar na "liberalização". Organizaram eleições, para parecer que havia liberdade, em que os falsos amigos do Povo da C.D.E. e C.E.U.D. colaboraram com eles.

Mas nós vimos que o fascismo é a repressão e a violência sobre os trabalhadores e não sobre os burgueses embora isso possa também acontecer às vezes.

E com a D.G.S. e o Marcelo a repressão é a mesma.

Enquanto Mário Soares era libertado, Sebastião Capilé, operário corticeiro era torturado pela PIDE e continua a sê-lo hoje pela D.G.S.

Marcelo Caetano, mal subiu ao governo manda a PIDE matar o jovem combatente anti-fascista Daniel Teixeira que tinha entrado em Portugal vindo da Bélgica.

Um grande número de anti-fascistas foram presos e brutalmente torturados pela D.G.S. como por exemplo Diana Andringa, Rui Ramos e José Ilídio.

No julgamento que teve lugar em Lisboa no dia 7 de Maio, João Pulido Valente, Francisco Martins Rodrigues e Rui D'Espina, acusados de haverem fundado o Comité Marxista-Leninista Português foram agredidos à cacetada na sala do tribunal pela D.G.S. e condenados respectivamente a 15, 20 e 19 anos de prisão.

Como sempre que a burguesia tenta enganar o povo utilizando os enormes meios que tem: televisão, igreja, jornais... etc., ela consegue enganar alguns de nós.

Há já quem diga que alguma coisa mudou!

Mas os camaleões já não enganam os trabalhadores e a maioria do povo português; ele sabe que nada mudou e que os camaleões só acabarão quando lhes cortarmos a língua.

Manuel Valente

UM CLUBE DE TRABALHADORES PARA TRABALHADORES

(Continuação da pág. 8)

do teatro. Já representaram algumas peças, entre elas a "Farça do Mestre Patelão", "A Lua Vai Nascer" e agora andam a ensaiar uma peça que se chama "O Emigrante". E esperamos que novos jovens se juntem a nós com novas e boas ideias.

"O Salto"— Vocês falaram-me de uma peça de teatro sobre a emigração. Quem a fez?"

« O Emigrante » uma peça 100% do clube

J.T.— "Fomos nós, rapazes e raparigas do clube. Cada um deu a sua ideia, contaram factos concretos e só depois a escrevemos. Agora está a ensaiar-se e espero que dentro em breve seja apresentada em público, talvez na Holanda onde pensamos fazer uma excursão."

"O Salto"— "O que pretendem mostrar com ela?"

J.T.— "Nós queremos mostrar a realidade. A emigração é um grande problema, que é composto de vários porquês. E esses porquês não são abstractos. Eu, por exemplo, sei o porquê que me levou a emigrar. A peça refere-se sobretudo, à emigração clandestina. Na clandestinidade, emigram pessoas do Norte, do Sul e do Centro de Portugal, embora do Norte venham em maior número. A sombra da emigração enriquece muita gente, passadores, patrões e chauferes de carros de praça, algumas autoridades civis e militares e outros. O explorado é sempre aquele que tem necessidade de emigrar. Mesmo quem não tem dinheiro, vende o que tem ou pede emprestado. Além das dificuldades que temos durante a viagem, também em França encontramos grandes dificuldades para nos legalizarmos e arranjar trabalho.

Nós queremos com esta peça mostrar a realidade. O Porquê do operário, do camponês pobre e dos que fogem por causa da tropa. Sim porque de tudo emigram um pouco.

Não é fácil preparar a peça, de maneira que ela seja compreendida por aqueles que a verão num palco. Mas eu faço confiança no grupo do teatro, que embora com dificuldades levará a efeito esta obra que é cem por cento do clube.

"O Salto"— "Quais são as dificuldades?"

J.T.— "Várias. Entre outras, a falta de tempo para a ensaiar. Pois todos aqueles que dela fazem parte, trabalham de dia e a noite é pequena para se ensaiar e descansar, depois de um dia cheio de trabalhar".

"O Salto"— "Que esperam dos jovens trabalhadores de Paris?"

Unidos seremos mais fortes!

J.T.— "Que eles nos compreendam e se juntem a nós. Que além de serem sócios, trabalhem conosco, dando ideias e sobretudo pondo-as em prática. O C.J.T.P.P. deslocar-se-à a qualquer parte onde se encontrem trabalhadores portugueses, quer para lhes dar um espectáculo quer para criar outros clubes, com o mesmo fim. Faço mais uma vez apelo à juventude trabalhadora portuguesa em França. Existe um clube pronto a ajudar-vos em tudo. Aqui podereis resolver os vossos problemas de ordem social, cultural e desportiva. Unidos seremos mais fortes."

Luis Ferreira

ESCREVE PARA

« O Salto »

B.P. 95 * PARIS 11

guerra colonial

300 COMBATENTES DO P.A.I.G.C. ATACARAM PIRADA

Na noite de 12 para 13 de Julho passado, 300 combatentes do PAIGC atacaram a povoação de Pirada, na Guiné, que se encontrava ainda ocupada pelas tropas coloniais portuguesas. Armados de canhões anti-tanque de ocupação, foguetões e morteiros e dando mostras de grande coragem, os patriotas da Guiné puseram fora de combate inúmeros soldados coloniais.

Segundo o Comando militar português, que certamente falsifica os números, houve 15 mortos e 41 feridos, entre membros das milícias civis portuguesas. Um outro soldado desapareceu.

Nessa mesma noite, à mesma hora, 100 combatentes do PAIGC atacaram, causando importantes perdas, o quartel português de Bajocunda.

Isto mostra como a luta se desenvolve na Guiné, como a direcção dos combatentes consegue realizar, ao mesmo tempo, dois importantes combates em regiões diferentes. A qualidade do material militar e o número de soldados do PAIGC, dá-nos uma ideia da força dos patriotas da Guiné.

A guerra continua, os patriotas ganham batalhas e os ocupantes recuam. Tudo indica que, para o PAIGC, a vitória já não está longe.

carta de um leitor que fez a tropa em Moçambique

«Também fui inimigo da razão»

Com as minhas respeitadas saudações, venho por esta enviar-lhe algumas letras, relatando alguns casos da minha ida à guerra colonial. Casos que por serem verdadeiros pode publicar, se achar conveniente.



"...vi com os meus olhos como os brancos exploram os negros e fazem deles escravos."

Como todos sabem, em Moçambique existem uma série de parques privados aonde abunda grande e variada série de caça. Nuns parques admiram-se os movimentos dos animais e noutros fazem-se safaris. Mas quem é que pode admirar

e fazer safaris nos parques da Gorongosa? Não és tu pobre camponês! Nem eu pobre operário! Só os senhores donos do dinheiro têm o prazer de lá ir admirar a caça.

A nós filhos de escravos trabalhadores dão-nos uma arma e obri-

no quartel por cheirar mal. Eles espreitavam-nos e corriam como loucos em nossa direcção para comerem alguma coisa, para aliviarem um pouco a fome que conheciam desde que nasceram. Isto passou-se em Tete, no norte de Moçambique. Foi lá que acabei por reconhecer que eles têm razão. Foi lá que reconheci, porque vi muitos exemplos, vi com os meus olhos como os brancos exploram os negros e fazem deles escravos. A provar um exemplo tenho uma fotografia tirada no porto de Nacala, aonde se vêm quatro escravos transportando aos ombros na sua cadeirinha, um senhor burguês que não podia molhar os pés: isto sob o olhar e sorriso cínico de outro carrasco que espera a sua vez de passar na cadeirinha.

um chefe de posto carrasco

Mas isto não acontece só em Moçambique porque tenho um colega que esteve na Guiné o qual me contou alguns casos que se passaram com ele. Um dos casos é que havia numa povoação a 40 km de Bissau um chefe de posto carrasco. Esse chefe de posto possuía uma quinta aonde andavam a construir uma piscina e quando precisava de pessoal para trabalhar na quinta ou na piscina mandava os cipaios às povoações mobilizar homens para lá trabalharem. Alguns fugiam, outros iam mas a maioria pouco ou nada fazia, destes alguns eram espancados pelo chefe de posto e outros mandava-os prender no quartel com os pés metidos em duas pranchas de madeira. Foi este senhor explorador que pediu ao Comandante para mandar um pelotão a uma povoação vizinha prender dois indivíduos que para matarem a fome tinham tirado algum dinheiro ao patrão explorador que os roubava e não lhes dava o suficiente para eles comerem.

O comandante cedeu e foi um pe-
(Continua na pag. 4)

UM LIVRO QUE SE DEVE LER

Desejaríamos recomendar aos nossos leitores uma obra, que achamos de grande importância para se poder compreender a luta de libertação do povo de Angola. Trata-se do livro "Qui Libère l'Angola" (Quem Liberta Angola). Infelizmente, esta obra está apenas publicada em francês, e por isso é só acessível aos leitores com certos conhecimentos da língua francesa. É realmente pena que não exista uma tradução deste livro! O seu autor, Jorge Alicerces Valentim, faz-nos um resumo da história da luta do seu povo e fala-nos das aspirações e objectivos dos revolucionários angolanos da

U.N.I.T.A. (União Nacional para a Independência Total de Angola).

O povo angolano luta pela sua independência, luta para poder governar a sua terra, para ser livre. É uma luta justa. Esta luta não é contra o povo português porque, o mesmo inimigo que assassina e rouba o povo angolano, também assassina e rouba o povo português. Este inimigo é a burguesia portuguesa, senhores banqueiros comerciantes e industriais, e também os falsos amigos do povo, desmascarados neste livro.

É desse livro a fotografia aqui reproduzida.

Barreiros



Posto das forças colonialistas portuguesas tomado de assalto com armas capturadas, pelos combatentes da U.N.I.T.A.

gam-nos a ir caçar, quando não somos caçados, os povos escravos da Guiné, Angola e Moçambique.

Também fui obrigado a ir caçar como dizem os grandes, e fui escalado para as matas de Moçambique aonde a caça que os aflige abunda e progride cada dia mais.

Também fui inimigo da razão e não sou assassino porque não calhou, porque a missão dos que lá vão é matar, matar aqueles que como nós lutam por liberdade e paz.

Também passei fome, sede e maus tratos e como a maioria dos que lá vão também lá deixei o meu corpo são, sem doença nenhuma e trouxe uma que me faz sofrer, gastar dinheiro, caminhar para os médicos e mais ano menos ano ir para baixo dos torrões. Mas no meio destes sacrifícios trouxe a experiência daquilo que passei e vi. Do modo de vida das populações, da maneira como eram tratados e como estavam divididas as propriedades, da guerra assassina que lhe é imposta, como eles se revoltaram e pegaram em armas para deixarem de ser explorados.

Viviam isolados e eram tratados como animais selvagens sem meios nem assistência, alguns doentes por lá andavam até se lhe acabarem os dias sem que alguém se interessasse por eles.

Muitos matavam a fome quando iam despejar os bidons do lixo do quartel, quando estes estavam cheios de todas as porcarias e bichos. Iamos despejá-los porque não podíamos ter aquilo mais tempo

MOÇAMBIQUE

BALANÇO DA LUTA DE LIBERTAÇÃO NO ANO DE 1969

Soldados portugueses postos fora de combate	+ de 1000
Aviões portugueses abatidos	2
Camiões militares destruídos	300
Pontes destruídas	20

Os patriotas moçambicanos capturaram ainda grandes quantidades de armas, munições e material de guerra ao exército colonial português.

Correio da Guerra Colonial

Muitos trabalhadores portugueses emigrados, tomaram parte na Guerra Colonial, em Angola, na Guiné ou em Moçambique. Um deles mandou-nos a carta e a fotografia que aqui transcrevemos e reproduzimos.

Esta carta deu-nos a ideia de criarmos uma secção onde publicaremos as cartas, fotografias e outros documentos que soldados, antigos soldados e outras pessoas nos mandem.

Por isso escreve-nos contando casos que se passaram contigo ou que conheças.

GRANDE FESTA POPULAR

no clube dos jovens trabalhadores portugueses de paris

No dia 11 de Outubro, teve lugar no 59, rue de la Fontaine-au-Roi, Paris 11, a festa de inauguração do Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris.

A sala do clube foi pequena para albergar toda a gente que quiz assistir ao espectáculo.

O Programa foi o seguinte:

1) A comédia "A Lua Vai Nascer" representada por jovens operários do grupo de teatro do C.J.T.P. de Paris, e embora fosse a primeira vez que representavam, saíram-se bem. A assistência premiou-os com bastantes gargalhadas. A peça está bem concebida e estamos convencidos que eles em breve consegu-

na sua anterior situação de escravo, que indicasse essa evolução. A coisa devia passar-se de uma forma mais gradual, como aliás nos disse um operário à saída, comentando a peça. No entanto, pareceu-nos particularmente bem sucedida a modificação feita na parte final, ou seja a revolta do escravo que faltava na peça de Brecht.

6) Da assistência, dois jovens trabalhadores apareceram para tocar viola e cantar, participando assim, espontaneamente, na festa. Iniciativas deste género devem-se apoiar. "Os Carlitos", assim chamou o apresentador ao duo, cantaram algumas canções do Roberto

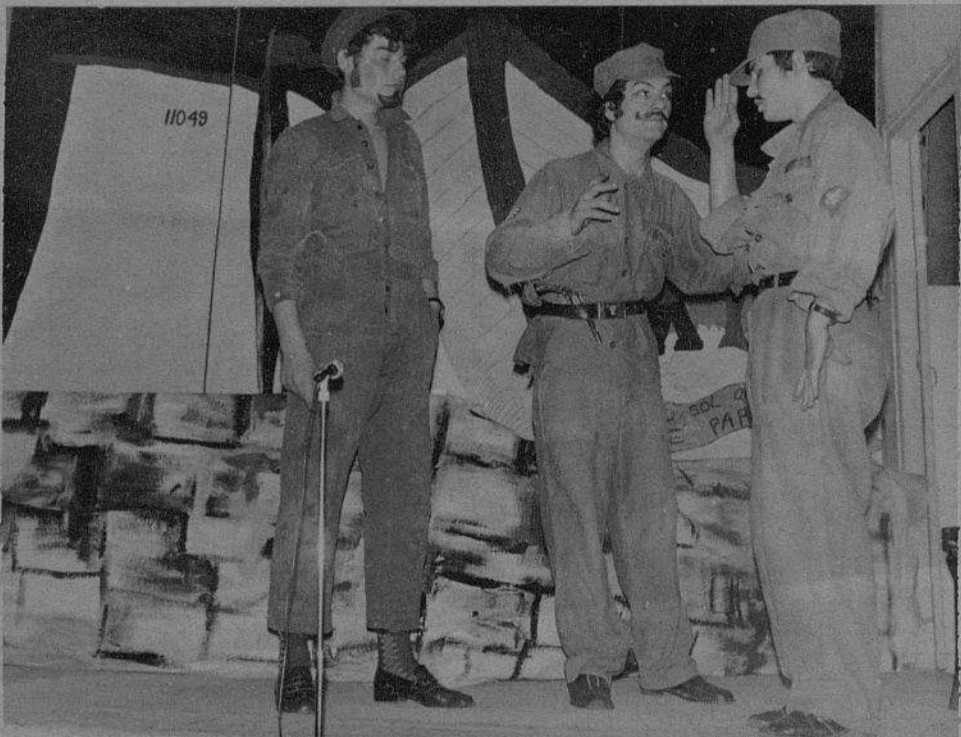


Foto Luis Ferreira

Um aspecto da comédia "A LUA VAI NASCER" posta em cena pelo Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris.

rão tirar dela o máximo proveito.

2) Apresentaram-se dois acordeonistas. Um jovem e com habilidade, o outro, o já consagrado Rui Mateus.

3) O cantor Carriço, que apresentou canções de luta e trabalho. Foi a primeira vez que o ouvimos em público. Ele é o professor do curso de viola, do C.J.T.P. de Paris. Salientamos do seu repertório a lindíssima canção "Catarina" que conta a história da ceifeira do mesmo nome, morta pela G.N.R. A canção é da autoria do operário agrícola alentejano, António das Mortes.

— "A música, para mim, é uma forma de participar na luta diária dos trabalhadores", disse-nos Carriço. As suas canções correspondem, de facto, a esta sua ideia e vê-se que se baseia na música revolucionária portuguesa. Pareceu-nos, no entanto, que o seu repertório ainda é pequeno.

4) O grupo folclórico "Aldeias de Portugal" dirigido pelo sr. Motta. Já com meia dúzia de representações no seu activo, trouxe-nos a alegre música popular do Minho. É um grupo que continua a progredir e que embora lhe faltasse alguns elementos, que estavam de férias, agradou em cheio.

5) A peça "A Excepção e a Regra" adaptada da peça de Bertold Brecht, posta em cena pelo Centro de Difusão da Cultura Portuguesa. A peça agradou, embora haja que pedir muito mais dos seus componentes, todos eles com bastantes possibilidades, mas certamente por falta de tempo, não conheciam bem o seu papel. Quanto à peça propriamente dita, a tomada de consciência do escravo que ao fim mata o patrão, também nos pareceu muito repentina, não havendo nada

Carlos. Estas canções pecam por serem demasiado comerciais e estarem cheias das ideias dos patrões. "Os Carlitos", no entanto, têm a grande qualidade do seu entusiasmo e estão agora a entrar na música portuguesa e vão formar um conjunto no C.J.T.P.P., orientados por Carriço. Trabalhadores que eles são e amantes da música, poderão, se aprenderem a música popular, virem a ser qualquer coisa de novo nos conjuntos musicais: um conjunto popular e não comercial.

7) José Afonso, o conhecido cantor de Coimbra, teve a amabilidade de vir cantar à festa.

A sua boa voz e o nível técnico do guitarrista que o acompanhava, agradaram bastante. É pena que José Afonso não dê mais força às suas canções, demasiado intelectuais, embora elas tenham evoluído desde o tempo em que cantava "A Ronda dos Paisanos" que era, segundo ele, "capaz de ser entendida por soldados e generais".

8) Tino Flores, que apresentou o seu primeiro disco "Viva a Revolução". Este jovem canta a revolta em ritmos modernos ao que a assistência reage, quase sempre de uma forma positiva, sendo aceite com facilidade.

Gostámos em particular da canção "Os Culpados". No entanto, achamos que Tino Flores devia dedicar mais atenção à letra das suas canções e a procurar mais os ritmos e as melodias na música popular portuguesa.

A seguir ao espectáculo houve um breve bailado e depois de todos terem contribuído à limpeza das salas, fomos para casa às 10h, com a sensação de termos assistido à inauguração dum verdadeiro clube de trabalhadores.

José Rocha

UM CLUBE DE TRABALHADORES PARA TRABALHADORES

ENTREVISTA COM OS JOVENS DO CLUBE

Entrevista com os Jovens do Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris.

No 59 rue de la Fontaine-au-Roi fazia-se os últimos preparativos da festa de inauguração do C.J.T.P. de Paris; no palco ensaiava-se o teatro; na cave as canções; noutro canto um grupo de jovens arranjava o cenário da peça "A Lua Vai Nascer", enquanto outros faziam cola para colar cartazes. Nós aproveitamos uma pausa para fazeremos esta entrevista.

"O Salto"— "Quando foi criado o vosso clube?"

Jovem Trabalhador—"Reunimo-nos pela primeira vez, com a ideia de criar um clube, no dia 4 de Abril de 1969. Mas ele passou a existir, de facto, no meu entender, desde que viemos para esta sala, faz já 4 meses."

"O Salto"— "Como nasceu a ideia de o criar?"

J.T.— "Um dia estava eu muito aborrecido na minha barraca quando me mostraram um papel dizendo que havia uma festa para portugueses em Alfortville. Fui lá e logo pensei que não era só de uma festa que tínhamos necessidade, e propuz que se criasse um clube, tendo ali mesmo marcado uma reunião para o dia 4 de Abril, do núcleo de trabalhadores que o queria formar."

"O Salto"— "Porquê Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris?"

De jovens a jovens trabalhadores

J.T.— "Logo que este núcleo de Jovens Trabalhadores começou a reunir-se para ver e resolver como o nosso clube seria formado, apareceram outros jovens. Ora alguns destes últimos, tentavam-se distinguir dos rapazes que todas as manhãs se metem a caminho de saco na mão, contendo este a gamela e deixando alguns ou quase a maioria, as barracas atrás das costas e daí a uma hora estão de pé e picareta na mão."

Foi então que resolvemos fazer alguma coisa que fosse dos trabalhadores e para os trabalhadores. Ora evidentemente, que queríamos que o nome do clube correspondesse com os nossos princípios. Uma vez que somos trabalhadores ponhamos-lhe este nome. Escusado será dizer que nem todos estavam de acordo. Mas uma jovem, criada de servir aqui em França, 2 pedreiros, um mecânico e um outro moço que, embora estudante em Portugal, se tinha ligado aos Trabalhadores portugueses aqui em França, apoiaram a ideia. E a maioria ganhou. Desse dia em diante, o clube não era clube dos Jovens Portugueses de Paris, como até aí, mas sim Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris! E depois, começamos a organizar festas, bailes e a representar teatro. Tudo isto com o fim de criarmos uma cultura para trabalhadores."

"O Salto"— "O que é que vocês entendem por cultura para trabalhadores?"

Uma cultura que nos dê consciência da nossa força

J.T.— "Um jovem trabalhador, deve adquirir uma cultura que o instrua, que lhe ensine a compreender e a conhecer os problemas do mundo actual e lhe dê consciência da nossa força. Porque, se

nos habituarmos a passar o tempo nos cafés, só gastamos dinheiro e nada aprendemos.

Qualquer jovem trabalhador, rapaz ou rapariga, tem capacidade e se tivesse possibilidades e se quisesse, podia fazer o que os jovens das outras classes fazem. Mas será que isso lhe serve?

Vejamos por exemplo uma peça de teatro: feita por trabalhadores iria contar a vida de um trabalhador, seja ele operário ou camponês; feita por pessoas da alta sociedade, só nos contará a história da gente que vive à nossa custa.

Qualquer jovem deve ler livros, mas que não sejam livros de cow-boys, nem de contos de fadas. Estes não lhe ensinam nada. Mas se ler um livro, como por exemplo, "A Mãe" de Maximo Gorki, tirará uma boa lição."

"O Salto"— "Porque é que só agora vai ser inaugurado o clube?"

J.T.— "Desde o início se levantaram muitos problemas que tiveram primeiro de ser resolvidos, para podermos depois inaugurar o clube."

Primeiro as pessoas que faziam parte do grupo que queria criar o clube, não eram todas pessoas correctas. E como legalmente o clube não existia, era protegido pela Liga Portuguesa do Ensino. Mas nem sempre esta capa de protecção cumpriu com os seus deveres. Não quero aqui atacar a Liga directamente pois nem todos os membros desta associação têm culpa das asneiras do seu presidente. Para nos tornarmos independentes, fazia falta declarar o clube à polícia. Para isso faltava-nos uma sala. Ora, uma sala aqui em Paris, mesmo a troco de francos, é difícil arranjar. Mesmo assim não podíamos estar a pagar a renda de uma casa, como aliás fizemos durante 2 meses a 600 NF. E foi então que conseguimos esta aqui ao cabo de muito procurar. Não é nossa, mas já podemos trabalhar mais à vontade. Temos 3 dias por semana, 2ª, 3ª e 5ª. No entanto, gostaríamos de ter uma sala onde nos pudessemos encontrar aos sábados e domingos, mas para isso faltava-nos dinheiro."

"O Salto"— "Quais as vossas actividades?"

J.T.— "Actualmente temos: curso de alfabetização; curso de viola; estamos a pensar em montar um laboratório de fotografia para o qual alguns jovens já deram ideias, mostrando grande vontade em aprender; existe ainda um grupo de rapazes e raparigas que se ocupam

(Continua na pág. 6)

conhece

CLUBE DOS JOVENS TRABALHADORES PORTUGUESES DE PARIS :

59, rue de la Fontaine-au-Roi, Paris 11 — Metro Goncourt ou République.

Permanências: Todas as 2ª, 3ª e 5ª feiras a partir das 8 horas da noite.

CLUBE DOS JOVENS TRABALHADORES DE BRIE :

4. Bd. des Fossés — EM BRIE CONTE-ROBERT — Pede a colaboração de toda a gente da região.

Na Holanda.

ASSOCIAÇÃO "RESISTÊNCIA E TRABALHO" :

Minahassastraat — Amesterdão — (fim da linha 3, junto à estação de Muiderpoort.